



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	A autoficção e o sujeito contemporâneo na obra de Hannah Wilke
Autor	TAÍS CARDOSO DA SILVA
Orientador	ALEXANDRE RICARDO DOS SANTOS

A Autoficção e o sujeito contemporâneo na obra de Hannah Wilke

Apresentadora: Taís Cardoso da Silva

Orientador: Alexandre Ricardo dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Esta pesquisa faz parte do projeto *A fotografia na arte contemporânea: diferença e micronarrativas* do professor Alexandre Santos, e nela me proponho a realizar um estudo de caso da artista norte-americana Hannah Wilke (Nova York, 1940 – Houston, 1993), utilizando para análise a série de autorretratos *Starification Object Series* (1974-1979) e o vídeo-performance *Gestures* (1974).

Para tal investigação, lanço mão do conceito de autoficção da teórica da literatura comparada Diane Klinger (2007), que propõe a desnaturalização da narrativa autobiográfica e sugere um jogo de indecisão entre a realidade e a ficção. Klinger liga o conceito de autoficção ao de performatividade, de Judith Butler (1998), relacionado não ao “real, genuíno”, mas exatamente ao seu oposto: a artificialidade e a encenação. Assim, para Klinger o sujeito opera tanto dentro da sua obra quanto fora dela, ou seja, na “própria vida.” Além disso, para a mesma autora a ficção está inserida em um campo mais amplo de escritas de si (Foucault, 2002) e permite deixar transparecer paradoxos contidos na subjetividade dos discursos contemporâneos que interessam a essa pesquisa.

Sob este viés, analiso como a produção fotográfica de Hannah Wilke aparece para elucidar o sujeito, se analisado em uma perspectiva contemporânea na qual há uma mudança na percepção do público e do privado, conforme Leonor Arfuch (2010). Nesta perspectiva, permite localizar a autoficção no cerne das questões afloradas no final do século XX e situadas entre o desejo narcista de falar de si e o reconhecimento da impossibilidade de uma única verdade a ser defendida.

A obra de Hannah Wilke faz parte da arte ‘engajada’ dos anos 1970, que se consolidou como um dos pilares do pós-modernismo artístico. Para elucidar essa perspectiva foi levada em conta a análise de Michel Foucault (1980) que sugere a substituição da ênfase nas relações econômicas para as relações de poder entre os indivíduos, tendendo a orientar a sua análise para preocupações psicossociais. Desta forma, sexo e poder tornam-se motivações fundamentais para a prática cultural.

Os auto-retratos da artista afrontam a forma como as mulheres vinham sendo representadas eroticamente até então. A sexualidade é performatizada por Wilke e enfatiza a característica que dá poder as mulheres e, ao mesmo tempo, as objetifica. A artista foi criticada nos anos 1970 e avaliada como demasiadamente narcisista. Analiso algumas dessas críticas em uma perspectiva contemporânea e proponho a autoficção como forma de leitura da produção de Hannah Wilke, que defende tornar os aspectos pessoais como sujeitos centrais de sua arte, não separando a pessoa privada da pessoa pública.

Essa pesquisa originou-se como possibilidade de contribuir às investigações relacionadas à arte contemporânea e à pós-modernidade, bem como para os estudos acadêmicos relacionados a temática de gênero e suas relações com a autoficção. Proponho uma metodologia a partir de um panorama internacional com a intenção de abrir espaço futuro para aplicação desse tipo de análise em artistas atuantes no Brasil.

